

**Nas Periferias do Gênero: Uma mirada psicossocial feminista sobre  
a experiência de mulheres jovens participantes do Hip Hop e do  
*Funk***

*Larissa Amorim Borges*  
MC no grupo *Negras ATIVAS*  
Mestranda em Psicologia Social – UFMG

*Inscrição : 207000720.7*

***Subtema 3 - Juventude, gênero e sexualidade***

Com a licença e a benção de minhas ancestrais, e também das mais jovens apresento aqui parte das reflexões que venho desenvolvendo em meu processo de investigação do Mestrado em Psicologia Social atualmente em curso na UFMG dentro da **Linha de Pesquisa:** Política e Identidade - Política, Participação Social e Processos de Identificação.

Faço este precioso percurso orientada pela Professora Dra ***Claudia Mayorga***, que por sua vez também se dedica a estudos feministas com perspectivas de raça e classe a partir da psicologia política. À ela meus sinceros agradecimentos pela coragem de me acompanhar e me impulsionar nesta jornada. Neste processo conto com a colaboração da companheira ***Geíse Pinheiro Pinto***, com quem compartilho angústias e reflexões e a quem também dirijo meus sinceros agradecimentos. Também agradeço infinitamente as “manas” e “manos” da **Cultura Hip Hop e do Funk de Belo Horizonte**, que tanto tem me apoiado, compartilhado comigo sons e movimentos de transformação, emancipação e reflexividade.

Negra, favelada, feminista, ativista da Cultura Hip Hop, sigo inspirada por intelectuais negras Angela Davis, Bell Hooks, Lélia Gonzáles, Matilde Ribeiro, Beatriz Nascimento, Luiza Bairros, Ochy Curiel, Cida Moura, Conceição Evaristo entre outras. e vivenciei minha adolescência e juventude em diversos processos de participação. Meu primeiro mestrado fiz na universidade da vida, na faculdade da rua, sou MC, Mestre de Cerimonia na Cultura Hip Hop. Canto rap no Grupo de Mulheres Negras ATIVAS.

É importante evidenciar que Negras ATIVAS nasce como uma organização de mulheres negras jovens com o objetivo de através de espaços de debate e partilha colaborar para emancipação das mulheres participantes da Cultura Hip Hop. Pela complexidade das dinâmicas e lógicas de opressão que perpassam a vida das mulheres jovens, negras e faveladas as ações da organização se diversificaram, abrangendo e articulando ações de arte, cultura, saúde, educação, comunicação, entre outras.

“Máximo respeito” as pesquisadoras e pesquisadores que tem se dedicado a falar do Funk e da Cultura Hip Hop, tal esforço colabora para a construção escrita de uma memória e de algumas versões da nossa história. Porém é chegada a hora de nós ativistas da cultura Hip Hop e também do Funk sistematizarmos nossas vivencias e resistências. Já temos feito isso através das poesias, das musicas, dos clipes, dos gestos, dos grafites. Antes de mim, outras e outros participantes do Hip Hop e do Funk se aventuraram na selva acadêmica, pois, apesar da histórica expropriação de direitos, também podemos e queremos registrar nos meios acadêmicos os saberes que construimos em nossas praticas cotidianas. Objetivamos com a nossa presença, denegrir o espaço branco que o eurocentrismo racista estabeleceu como espaço/ tempo/ forma hegemônica de intelectualidade.

A Natureza mutável do racismo contemporâneo e as condições de opressão específicas que a organização moderna do capital infligem à vida das mulheres negras faz do nosso existir um grande desafio, quando não uma impossibilidade. Por isso verso e faço ciência. Ser “*Negra Feminista Negra*” é lutar pela igualdade a partir do reconhecimento das diferenças e especificidades geradas pela articulação entre o racismo, o patriarcado e o capitalismo, é lutar por existir, e existir para mudar as relações de poder.

Todas as pessoas podem, ao menos teoricamente, realizar ou participar de qualquer transformação ou luta política, porém poucas são as pessoas que efetivamente estão dispostas a abrir mão dos privilégios que podem dispor a partir de sua condição racial, de gênero e/ou de classe, em favor de uma transformação ou uma luta política, principalmente esta luta ou transformação for radical. E mora aqui a dificuldade que muitas pessoas têm de reconhecer publicamente que tem com referencia o Feminismo Negro. Uma perspectiva política não pode se limitar ao discurso e a retórica, precisa de traduzir em práticas, em ações políticas. No Hip Hop dizemos que é preciso ter "Consciência e Atitude!"

A partir do reconhecimento do potencial crítico e transformador dos feminismos , de modo especial do feminismo negro e latino americano, opto por fazer esta pesquisa a partir de uma mirada feminista. Busco referencia nas teorias e práticas desenvolvidas pelas mulheres sobre as opressões e relações de poder vividas por elas, e em muitos casos “contra” elas. Neste sentido esta investigação é uma sistematização de experiências e ao mesmo tempo construção de perspectivas.

Desafiada a buscar o sentido emancipatório da ciência, buscamos colaborar para que a psicologia se implique na superação do racismo, do sexismo e de todas as formas de opressão-submissão, potencializando a resistência através do seu saber-fazer.

Nosso mergulho nos universos do Hip Hop e do Funk se dá a partir de uma perspectiva etnográfica, buscando uma aproximação e ao mesmo tempo um constante estranhamento dos universos da pesquisa.

A escolha política de nosso referencial metodológico busca responder a uma inquietação sobre a existência e viabilidade de uma metodologia “Feminista”.

É na análise das lógicas e dinâmicas de opressão e emancipação que as diferentes experiências das mulheres configuram um território denso, capaz de provocar transformações epistemológicas e metodológicas.

Interessamo-nos organizar instrumentos teóricos e metodológicos que nos permitam conhecer o que as jovens das favelas e periferias têm produzido e vivido no que se refere às relações de gênero, numa tentativa de identificar e problematizar quais estratégias essas mulheres têm desenvolvido em sua vida diária para produzir continuidades e rupturas nas relações de poder considerando as articulações de gênero, raça, classe e geração.

O Hip Hop e o Funk serão tratados aqui como espaços políticos e públicos de sociabilidade, a partir dos quais estabeleceremos o encontro, o diálogo e a observação com os sujeitos participantes desta pesquisa. Na tentativa de entender, como as relações de gênero se configuram neste espaço público de participação, visibilidade e reconhecimento da juventude periférica.

Pretendemos relacionar diferentes técnicas com a circulação em diferentes espaços, estabelecendo conexões capazes de ampliar os campos do possível neste processo de

investigação, partilha e elaboração de conhecimentos (MENDES, 2009; SERAPIONI, 2000).

Esta metodologia nos possibilitará perceber e nomear a reconfiguração de relações de poder entre mulheres e homens jovens apontando os impasses, dinâmicas e lógicas que perpassam as identidades e culturas políticas do jovem ligado ao *Hip Hop* e ao *Funk* nas periferias de Belo Horizonte.

As participantes desta pesquisa serão mulheres negras jovens (14 à 29 anos) , moradoras de vilas, favelas e periferias de Belo Horizonte. Primeiramente, tomamos como referência o **Duelo de MCs** que há seis anos mobiliza jovens de toda região metropolitana na prática e fruição dos quatro elementos da cultura *Hip Hop*, com espaço privilegiado para o *Rap* e a rima improvisada. Acontecem todas as sextas-feiras, embaixo do Viaduto Santa Tereza no centro de Belo Horizonte, e também, nas **Quadras do Vilarinho**, que desde a década de 1980, reuni diferentes gerações de adolescentes e jovens em Bailes *Funks*. Os bailes do Vilarinho acontecem nas noites de sábado e nas tardes e noites de domingo, com matinês para adolescentes e bailes para jovens e adultos.

Cabe ressaltar que tanto o Hip Hop quanto o Funk, tem expressão significativa fora das capitais e centros urbanos e com presença em todos os estados brasileiros. Por diversos fatores, inclusive históricos e mercadológicos, tanto o Hip Hop quanto o Funk tem em São Paulo/SP e no Rio de Janeiro/RJ configurações específicas importantes e de visibilidade internacional.

Procuraremos identificar ações, discursos, instrumentos, estratégias de transgressão a relações de opressão-submissão que possam nos dar pistas sobre os processos de empoderamento, emancipação e construção de autonomia, se estas existem, na experiência das jovens participantes do *Hip Hop* e do *Funk* em Belo Horizonte -MG.

Ao falar de mulheres negras jovens, não falamos de um universo homogêneo e sim de um grupo social diverso, no qual estão presentes diversas dimensões tais como: a classe, a religião, a escolaridade, a orientação sexual, situação de saúde, condição de moradia, participação no mercado de trabalho, entre outras.

Segundo Papa (2009) no campo das políticas públicas, são escassas as ações que incorporam questões concernentes às especificidades dessas jovens mulheres. Ao dizer sobre o desafio de se inserir na vida pública e na política, Carvalho; Quintiliano (2009) ressaltam que é um desafio e uma ousadia discutir a participação política das jovens mulheres negras, diante de um cenário em que estas não dispõem de visibilidade como grupo político dotado de direitos específicos.

Neste momento estou finalizando a fase exploratória da minha inserção no campo. Neste processo estou em transito pelo campo de uma forma mais livre, com um olhar multi focal. Tentando perceber as diversas dinâmicas presentes de uma forma mais espontânea. Busco elementos que possam orientar meu olhar, minha voz e minha presença no campo e na escrita.

Historicamente, as construções dos discursos sobre gênero e sexualidade partem de perspectivas hegemônicas, que invisibiliza sujeitos e grupos, criminalizando suas experiências sociais e práticas sexuais, estigmatizando suas identidades, impedindo a expressão de seus desejos e limitando seu direito de exercício livre e pleno da sexualidade.

A pouca existência de estudos sobre a experiências de gênero das mulheres jovens que vivem nas periferias dos centros urbanos, revela aspectos hierarquizantes destas relações de poder. Justamente por isso nos propomos a estudar as relações de gênero na periferia, buscando identificar aspectos que possam ter sido invisibilizados ou deixados a margem na construção e desconstrução deste conceito. Inspiradas em

Curiel(2007) e em Spivak(2010) trabalharemos numa perspectiva de descolonização do feminismo e da psicologia retomando historias pouco contadas e ouvindo vozes historicamente silenciadas.

È importante ressaltar que a partir de diferentes contextos e perspectivas epistemológicas e políticas o conceito de gênero vem sendo debatido e disputado nas ciências humanas, sociais e políticas, assim a consolidação deste campo de estudos vem sendo construída com a colaboração de pesquisadoras(es) feministas e não-feministas de diversas regiões do globo. Entre os debates e tensões que na atualidade estão presentes neste campo gostaríamos de chamar a atenção para as reflexões entre gênero e pós-gênero, que contribuirão para nossa crítica e debate.

As inserções no campo tem nos feito refletir sobre: Como as mulheres negras jovens vivenciam as relações afetivo-sexuais? Em que medida produzem rupturas ou continuidades? Que espaços/relações de poder as mulheres participantes do Hip Hop e do Funk tem acessado? Que diferenças e semelhanças podemos identificar entre as vivências das mulheres no hip hop e no funk? Que referenciais políticos e epistemológicos a psicologia social e os feminismos podem disponibilizar para possibilitar uma interface para análise da realidade a partir destas duas áreas do conhecimento? Os feminismos influenciam e/ou são influenciados em alguma medida, pelas vivências das mulheres jovens negras das periferias, participantes do *Hip Hop* e do *Funk*? Como estas mulheres jovens, participantes do *Funk* e do *Hip Hop*, vivenciam as relações de gênero no espaço público ? E no privado? Que política(s) sexual(is) estão presentes na vida das mulheres jovens participantes do *Hip Hop* e do *Funk*? Como esta política sexual é compreendida por elas? Que performances de gênero podemos identificar nos espaços de sociabilidade do *Hip Hop* e do *Funk*? A participação no *Hip Hop* e no *Funk* favorece a percepção e o enfrentamento das lógicas de opressão

vivenciadas por estas mulheres jovens? Em que medida, os discursos, práticas, símbolos e signos expressos no *Hip Hop* e no *Funk* reforçam ou desconstruem papéis tradicionais de gênero? A participação destas mulheres jovens no *Hip Hop* e no *Funk* diz de algum processo de colonização ou descolonização de seus corpos e suas sexualidades?

Entre tantos questionamentos e reflexões, sigo pensando, versando, dançando. O desafio dos próximos meses é cair no Hip Hop e no Funk de modo ainda mais intenso e implicado. O desafio é transformar meu corpo todo em um grande ouvido capaz de escutar o som que vem das ruas, as vozes da periferia.

*"E não há quem ponha  
um ponto final no rap"  
(Conceição Evaristo - p.52)*

Chagamos de caminhos longos, viemos de jornadas distantes nas quais temos cotidianamente presenciado intensas batalhas em violentas guerras. Por todos os lados, há muita violência e insistentes tentativas de destruição. De tanta violência e dor nossas almas tem chorado e nossos corpos tem adoecido. Ao ver comunidades inteiras destruídas pelo Estado, com as famílias, seus sentimentos e histórias dentro, ao vermos mulheres violentadas em seus corpos e violadas em suas identidades, expropriadas de si mesmas, expostas na mídia e em redes sociais, assaltadas em suas intimidades por pessoas de sua confiança.... Estamos cansadas, mas não desistimos de continuar nossa jornada, pois viemos de caminhos antigos e caminhamos rumo ao futuro. E se às vezes a solidão parece abismo implacável sentimos e sabemos que não estamos sós, nossas ancestrais estão conosco e nossos descendentes já estão vivos dentro de nós. O exemplo destas mulheres que mesmo mutiladas, massacradas, dilaceradas e entre escombros



teimam em viver, insistem em lutar, persistem em sonhar evidencia que é possível e necessário rir além. A atitude de resistência destas mulheres diante da vida, diante de si e do mundo, vem nos dizer que: Nada nem ninguém vai destruir os nossos sonhos. Nada nem ninguém tem o poder de nos impedir de sonhar e de realizar o que sonhamos, inviabilizar nossos desejos e expropriar nossos direitos, por mais adversas que as condições possam ser ou parecer. Nada nem ninguém tem o direito de nos impedir de nos amar, de amar e ser amadas, e de se sentir prazer nestes processos, mesmo nas situações de maior caos e dor. Mesmo nos contextos de grande medo e violência. Nada nem ninguém tem o poder de nos fazer desistir de nossa humanidade. Nada nem ninguém tem autorização ou poder de nós roubar de nós mesmas! Nada nem ninguém será capaz de nos amargar nem endurecer nossos corações. Diante da dureza da vida, da perversidade dos homens e da incapacidade humana de amar, seguiremos amando e sentindo prazer das mais diversas formas e lutando por outras formas de exercício do poder e/ou por outros poderes!

Não são as diferenças que nos oprimem e sim, as desigualdades e certos padrões hegemônicos de igualdades artificiais. **Os sistemas de poder que geram desigualdades não podem mais ser tolerados** e devem ser combatidos com nossas **práticas sexuais, afetivas, científicas, culturais, sociais e políticas.**

## **1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AFONSO, Maria Lúcia M. & ABADE, Flávia Lemos. **Para reinventar as Rodas**, Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**, ed. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1970.

BENTO , A. P (2002) “**Branqueamento e Branquitude no Brasil**” In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)

**BID. "Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de Igualdade de Gênero e Desenvolvimento 2012"** The International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank. NW - Washington D.C. 2011

CARNEIRO, Suely. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero. ”Seminário Internacional sobre Racismo, Xenofobia e Gênero, organizado por Lolapress em Durban, África do Sul, em 27/28 de ago.2001. **Revista Lola Press**, n.16, nov.2001.

CARRANO, Paulo. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ Faperj, 2002.

CASTRO, M. Garcia. Alquimia de Categorias Sociais na Produção dos Sujeitos Políticos – Gênero, Raça e Geração entre Líderes do Sindicato de Trabalhadores Domésticos em Salvador. **Revista Estudos Feministas**, p. 57-73. Rio de Janeiro (UFRJ/CIEC), 1992.

CURIEL, O.(2007): **Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista** - NÓMADAS (PÁGS.: 92-101) N°. 26. ABRIL 2007. Universidad Central – COLOMBIA

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o Rap e o Funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte, UFMG, 2005.

Evaristo, Conceição.(2008 ) Poemas da recordação e outros movimentos. Ed. Nandyala. (Coleção Vozes da Diáspora Negra – Vol 1) BH/MG

FACIO, Alda; OCHOA, Luiz M. **REDLAC**. Manual de Capacitação em Direitos Humanos das Mulheres Jovens e a aplicação da CEDAW, Ed. Brasileira, 2004.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n.5, p. 7-41, Campinas-SP, 1995.

HOOCKS, Bell. 1995. “Intelectuais Negras” in Revista de Estudos Feministas. Ano 3 – 2º Semestre 1995 p. 464 à 478.

LAGARDE, Marcela. “**CLaves para el poderio y la autonomia de las mujeres**”. Nicaragua Pontos de Encuentro. 1997

MARTIN-BARÓ, I. **O papel do Psicólogo**. Estudos de Psicologia. Estudos de Psicologia, v.2, n.1, p: 7-27, 1996.

MATOS, Marlise. “**Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global?**” Revista de Sociologia e Política, vol. 18, núm. 36, junho, 2010, pp. 67-92 - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil 2010.

MENDES, José Manuel de Oliveira. **Perguntar e observar não basta, é preciso analisar: algumas reflexões metodológicas**, 2009.

MOORE, Carlos Wedderburn. “**Racismo & Sociedade: Novas bases epistemológicas para entender o racismo**” - MAzza edições - Belo Horizonte 2007

NEVES, Sofia; NOGUEIRA, Conceição. Metodologias feministas na psicologia social crítica: A ciência a serviço da mudança social – **ex aquo**, n. 11, p.123-138, 2004.

NOVAES, Regina; VANICHHI, Paulo (org). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação** – Instituto Cidadania e Fundação Percecu Abramo, São Paulo – SP, 2004.

NOVAES, R. **Hip Hop: O que há de novo?** In: Perspectivas de Gênero: Debates e questões para as ONGs. Recife: GT Gênero. Plataforma de Contrapartes Novib / SOS CORPO, Gênero e Cidadania, 2002.

PAPA, Fernanda de C.; SOUZA, Raquel (org's). CARVALHO; QUINTILIANO; ADEVE. **Forito: Jovens Feministas Presentes – Fórum Cone Sul de Mulheres Jovens Políticas – Espaço Brasil** - São Paulo: Ação Educativa, Fundação Frederich Herbert - Brasília: UNIFEM, 2009.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278.

ROLAND, Edna. **O Movimento de Mulheres Negras Brasileiras: desafios e Perspectivas** In: “Tirando a máscara - ensaios sobre o racismo no Brasil” - GUIMARÃES, Antônio S. A.; HUNTLEY, Lynn (org's) in: Ed. Paz e Terra, São Paulo, 2000.

ROSA, Waldemir. **Homem Preto do Gueto: um estudo sobre a masculinidade no Rap brasileiro.** Brasília, 2006.

SANTOS, B. S. A construção cultural da igualdade e da diferença. Em: **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**, v.4, p. 279-316, São Paulo: Cortez Ed., 2006.

SANTOS, B. S. **Introdução: Para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa. (org.). Reconhecer para libertar - caminhos do cosmopolitismo multicultural. Ed. Civilização Brasileira, 2003.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Estudos feministas: um esboço crítico.** In: GURGEL, Célia (org.). Teoria e Práxis do enfoques de Gênero. Salvador: REDOR-NEGIF, 2004.

SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n.13 Abril, 2000.

SERAPIONI, M. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 5, n. 1, p. 187-192, 2000.

TORRES, Júnia. **Movimento *Hip Hop* como cultura política expressiva [manuscrito]: fluxos simbólicos e re-significações locais**. Dissertação apresentada ao departamento de pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFMG, 2005.

OCHOA, Luiz Maceira. "**O processo de empoderamento**" in ILANUD/REDLAC, Manual de Capacitação em Direitos Humanos das Mulheres Jovens e aplicação da CEDAW, ILANUD/REDLAC, 2002. - REDLAC, Edição Brasileira, 2004.